
As Errâncias do Carré Mulhosien

NOVAS PRÁTICAS NO DESENHO DA CASA OPERÁRIA NO PORTO¹

No Porto, nas décadas que antecederam a implantação da República, não existia um sector industrial alargado e vigoroso, muito menos uma economia firme e estabilizada que justificasse a produção em massa de casas para o operariado. Daí que as soluções encontradas para alojar as *classes trabalhadoras* nunca tivessem assumido a escala urbana das vilas operárias de França ou de Inglaterra. No entanto, é de notar um esforço por implantar na cidade novos modelos que poderemos denominar de intermédios. Esse permeio não corresponde só a um problema de dimensão; ele decorre também do fato das soluções encontradas se situarem politicamente entre a utópica *cidade-jardim* de Ebenezer Howard e o pragmatismo social democrata das *cités ouvrières*. Um desses casos, porventura o mais emblemático, foi o bairro mandado construir pelo jornal *O Comércio do Porto*, em 1899, sob desenho do arquiteto José Marques da Silva (1869–1947): o *Bairro Operário de Monte Pedral*,

1 O texto que se publica resulta do trabalho realizado no Arquivo Municipal de Mulhouse em Julho de 2011 e é parte integrante da investigação em desenvolvimento, “Habitação Popular no Porto, 1899–1933” conducente à redação de Tese de Doutoramento a apresentar à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto no âmbito do seu Programa de Doutoramento em Arquitectura.

denominação que o regulamento, redigido em 1901 para fixar o seu regime de utilização e gestão, haveria de oficializar.

A iniciativa do Comércio do Porto na promoção de habitação operária coincide com o mais mediático surto de peste que eclodiu na parte medieval da cidade. Para o financiamento dessa causa, Bento de Souza Carqueja (1860–1935), na época coproprietário do diário nortenho, reunirá o apoio direto de beneméritos oriundos dos mais diversos sectores da sociedade. Na escritura que estabelece a construção das primeiras casas refere-se que os bairros seriam «dotados com as máximas condições higiénicas e organizadas em harmonia com os melhores modelos destas fundações no que forem adaptáveis no nosso país»². Se dúvidas houvesse, a referência ao termo “modelos” permite colocar o Monte Pedral numa cadeia de acontecimentos que ilustra bem o que foi nessas últimas décadas do século a necessidade de normalização de soluções e a itinerância dessas na proclamação do novo alojamento operário. Neste caso particular, trata-se da afirmação de uma casa-tipo muito particular – *le carré mulhousien* – cuja génese podemos circunscrever com uma precisão invulgar na história da arquitetura da casa.

Apresenta-se assim a viagem de um modelo em três momentos distintos: Mulhouse, em 1853 – Paris, em 1889 – Porto, em 1899.

² Arquivo Histórico Municipal do Porto: *Livro de Documentos Relativos a Termos e Escrituras*, 1899, f. 344.

Mulhouse, 1853. Nascimento de um Modelo de Casa Operária.

*Un membre de l'institut des architectes de la Grande-Bretagne, M. Henri Roberts a publié sur les habitations des classes ouvrières (The dwellings of the labouring classes), un ouvrage qui révèle autant de science chez l'artiste, que de nobles sentiments chez le citoyen.*³

A obra de Henry Roberts (1803–1886) citada por Jean Penot (1801–1886) em 1852 ao Comité de Economia Social da Sociedade Industrial de Mulhouse (França) havia sido traduzida para a língua francesa dois anos antes por ordem do próprio Louis-Napoléon Bonaparte⁴. No livro recolhe-se e tipifica-se as mais significativas soluções habitacionais que foram sendo implementadas em Inglaterra contra aqueles “bairros de má reputação” descritos por Engels em *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra em 1844*, especialmente, no capítulo “As grandes cidades”.⁵ Profusamente ilustrada com desenhos de projetos, a edição original foi patrocinada pela *Society for Improving the Condition of the Labouring Classes* – uma das mais eminentes *Model Dwellings Companies* da Londres vitoriana, onde Henry

3 Jean Penot, «Projet d'habitations pour les classes ouvrières», *Bulletin de la Société Industrielle de Mulhouse*, Tome XXIV, n.º117 (1852): 130.

4 Referimo-nos à edição francesa, *Des Habitations des Classes Ouvrières* (Paris: Gide et J. Baudry Éditeurs, 1850)

5 Frederick Engels, *The Condition of the Working-Class in England in 1844* (London: George Allen & Unwin Ltd, 1892 [1845]): 23–64.

Roberts era arquiteto honorário – desenhos de projetos, a publicação que rendia tributos aos estatutos da referida sociedade filantrópica enquanto manual difusor dos modelos ideais de habitação operária. Numa das primeiras páginas transcreve-se os mecanismos de atuação da sociedade referindo que era objectivo indicar as fórmulas que combinassem a arquitetura da casa simples com os critérios de conforto e economia, «by arranging and executing Plans, as Models, for the the Improvement of the Dwellings of the Poor»⁶. A questão da formação de casos exemplares é pois perseguida no intuito de transformar o esforço numa metástase capaz de abarcar a escala do problema.

Nesta sequência, a mesma sociedade, presidida desde a sua fundação pelo príncipe consorte Albert, irá construir para a exposição universal de Londres de 1851 – *The Great Exhibition of the Works of Industry of all Nations* – um dos mais celebrizados protótipos de habitação operária na sociedade oitocentista. Sob a insígnia – *Model Houses For Families Erected By H-R-H Prince Albert* – o edifício concebido por Roberts para albergar quatro famílias e implantado junto ao famoso Palácio de Cristal, foi percorrido por cerca de 250.000 visitantes. O acontecimento teria desviado as atenções de muitos daqueles que se dirigiam à feira com o intuito de negociar, divulgar ou mesmo espiar as novidades tecnológicas expostas. Paralelo a um provável tráfico de patentes industriais, maquinaria e outros artefactos industrializados, um outro, protagonizado por inovações

6 Henry Roberts, *The Dwellings of the Labouring Classes, their Arrangement and Construction* (London: Savill and Edwards Printers, 1850): s.p.

tipológicas e técnicas centradas no problema da habitação e da insalubridade da cidade industrial. Pode-se afirmar que, em pleno século XIX, este facto abriu uma discussão profunda e alargada sobre o desenho da nova habitação das classes pobres urbanas.

Dos delegados enviados pela *Société Industrielle de Mulhouse* (SIM) à exposição de Londres, Jean Zuber fils (1799–1853), então responsável pelo *comité de economia social*, assinalou o acontecimento com uma nota à SIM seguida de proposta para um concurso de projetos e relatório⁷ sobre as melhores soluções a seguir no território francês, em geral, e na Alsácia, em particular. Desses primeiros estudos apresentados concluir-se-ia que:

*Les logements isolés sont bien préférables: chaque famille y vit seule, ou à peu près seule. Les occasions de mal faire y sont moins fréquentes; la surveillance des jeunes gens y devient plus facile; les disputes y sont à peu près inconnues; la propreté y est mieux maintenue, parce que la responsabilité de chacun y est plus directe et plus complète. C'est donc en faveur de ces logements que le comité s'est prononcé.*⁸

A clara opção por um regime de propriedade individualizada distancia-se daquilo que eram as soluções fundamentadas na utopia

7 Jean Zuber (filho), «Note sur les habitations d'ouvriers», *Bulletin de la Société Industrielle de Mulhouse*, Tome XXIV, n^o116 (1852): 129.

8 Jean Penot, «Rapport du comité d'économie sociale sur la construction d'une cité ouvrière a Mulhouse», *Bulletin de la Société Industrielle de Mulhouse*, Tome XXV, n^o124 (1853): 303.

falansteriana. Uma delas – o *Familistério* do industrial Jean-Baptiste André Godin (1817–1888) – estava prestes a erguer-se a quinhentos quilómetros dali, em Guise. Esta coincidência no tempo e no espaço expressa bem uma dualidade histórica estruturadora que permite arrumar as várias propostas sobre a resolução do alojamento do operariado fabril. São duas correntes de genealogia oposta: uma, de tradição socializante, enraizada no *saint-simonisme* e no socialismo utópico de Robert Owen (1771–1858) ou de Charles Fourier (1772–1837); e outra, social-cristã, alicerçada sobretudo na *ética religiosa* de Frédéric Le Play (1806–1882)⁹. Se, na primeira encontramos o paradigma progressista das comunidades rurais autónomas de propriedade colectiva, na segunda verifica-se que a urgência em elevar o estatuto do operário e o valor do trabalho, nas relações de poder, tomará um sentido reformista das instituições e produzirá mecanismos dúcteis de regulação social.

A influência da doutrina de Le Play na idealização da casa individual têm sido esquecida por alguma historiografia habitual. Para a compreensão de Mulhouse ela é particularmente instrutiva, nomeadamente, quando a relacionamos com o que era no período considerado as boas práticas da Economia Social. Segundo Le Play, o esforço colectivo de harmonização social e económica devia ser efetuado através da institucionalização de uma ordem orgânica tal como secularmente

⁹ Ver, por exemplo, Henry Desroche, citado em: Jean-Pierre Frey, *Le Rôle Social du Patronat: du Paternalisme à l'Urbanisme* (Paris: L'Harmattan, 1995): 87. Recordar-se que, entre 1829 e 1879, Frédéric Le Play fez um estudo exaustivo sobre as famílias operárias em vários locais da Europa.

persistia em certas comunidades rurais de origem medieval. Sob o jogo hierárquico igreja – patrão – operário, restaura-se uma moral rural aplicada agora a comunidades urbanas com o objetivo de atingir a paz social e o progresso económico. Trata-se de uma engenharia social, gradualmente atualizada e cruzada com as preocupações dos higienistas, num movimento cada vez mais dirigido ao controle das práticas quotidianas e do espaço doméstico. Entre outros, a propriedade individual e a garantia de um património transmissível, a habitação simples individualizada, a horta como complemento lúdico e de sustento, transformaram-se em elementos materiais chave para o fortalecimento, sedentarização e perpetuação do grupo familiar e, conseqüentemente, para a estabilidade física e emocional do indivíduo¹⁰ – condição primordial na engrenagem produtiva da fábrica. A construção da *cit  ouvri re* de Mulhouse foi subsidiada e controlada maioritariamente por um patronato industrial local protestante e maçnico, sob influência direta do social cristianismo de Le Play.

Em Junho de 1853, por iniciativa de Jean Dollfus (1800–1888), após garantia de suporte financeiro de industriais locais e de uma subvenção governamental,   fundada a *Société Mulhousienne des Cit s Ouvri res* (SOMCO) com o intuito de implementar na cidade a constru o de bairros operários. A constitui o da sociedade foi o rápido culminar de diligências astuciosas e o seu sucesso parece indicar a existência de um plano estratégico sólido que integraria, desde

10 Ver, por exemplo, o capítulo dedicado   casa operária em: Frederic Le Play, *Les Ouvriers Europ ens* (Paris: Alfred Mame et Fils Libraires- diteurs, 1879): 320.

logo, um modelo financeiro de gestão e os detalhes sobre as habitações a construir. O arquiteto Émile Muller (1823–1889), atento leitor dos textos sociais-cristãos¹¹ e fiel depositário do pensamento carismático de Jean Dollfus, foi o projetista designado para liderar o processo.

As hipóteses que se concretizaram no terreno de oito hectares, que a sociedade havia adquirido fronteiro à cidade antiga, fundamentavam-se numa experiência prévia de quatro habitações desenvolvidas por Muller ao serviço da fábrica Dollfus. Foi nessa fase antecessora que foram discutidas e validadas as soluções. Assim, a Julho de 1853, inicia-se os trabalhos de construção do bairro dispondo sobre uma malha ortogonal fortemente hierarquizada três tipos de “maisons d’ouvriers au meilleur marché possible”: a mais onerosa, constituída por grupos isolados de quatro casas de planta quadrangular; uma segunda, intermédia, semelhante à primeira mas sem cave; e a mais barata, constituída pelo sistema mais vulgar de *casas em banda*, *back-to-back*, assegurando sempre jardim frontal em cada fogo. Na proposta, Émile Muller reavalia o programa do alojamento operário à luz da casa simples *pavilhonar* e das formas construtivas populares nativas. Principalmente, o celebrado *carré mulhosien* resulta de uma inventiva sobre os processos de aglutinação¹² e seriação do edificado

11 Jean-Claude Hahn (dir.), *Nouveau Dictionnaire de Biographie Alsacienne* (Strasbourg: Fédération des sociétés d’histoire et d’Archéologie d’Alsace, 1982): 2755.

12 Trata-se de um caso em que o processo de aglutinação das palavras ajuda a explicar a construção da linguagem arquitetónica deste tipo particular de casa. Com as devidas cautelas de relação disciplinar, tal como acontece na linguística, estamos perante um autêntico “processo de composição

que, no caso, dissimula os quatro fogos relacionados recriando, em certa medida, a escala urbana dos bairros residenciais burgueses.

Paris, 1889. Consagração da Casa Unifamiliar com Jardim.

Outra exposição universal, especialmente, ligada à proclamação de novas soluções de habitação para as classes populares, foi a parisiense de 1889. Para além da mediatização construída à volta das novidades industriais e tecnológicas – que enaltece o século do vapor, do caminho de ferro e da eletricidade – a feira comemorativa dos 100 anos da tomada da Bastilha abrigou alguns acontecimentos importantes na denúncia pública das condições materiais e morais dos trabalhadores e das possíveis formas da sua resolução¹³. À frente desse desígnio encontrava-se um conjunto de personalidades da elite republicana francesa de formação e interesses diversos (economistas, engenheiros, industriais, filantropos, políticos, médicos e arquitetos), reunido à volta do *Grupo de Economia Social* da feira. Por via da influência cultural e política que a França detinha, algumas dessas figuras ficarão permanentemente ligadas à história da renovação urbana e ao nascimento da habitação social na Europa fim-de-século. Importa referir alguns exemplos como Émile Cheysson (1836–1910),

de palavras pelo qual duas ou mais palavras se juntam, para formarem uma palavra nova, com perda de fonemas e de acentuação”.

13 A propósito da Exposição Universal sublinha-se que nesse ano realizou-se em Paris o Congresso Internacional dos Trabalhadores que haveria de ficar ligado à fundação da *Segunda Internacional* e à instauração do *Primeiro de Maio* como dia do trabalhador.

Jules Siegfried (1837–1922) ou Georges Picot (1838–1909). O primeiro, engenheiro politécnico, industrial no prestigioso polo industrial de Creusot, havia organizado com o seu mentor Le Play a Exposição Universal de Paris de 1867; escreveu, entre outros, *La Question des Habitations Ouvrières en France et à l'Étranger* (1886) e redigiu os programas dos primeiros concursos públicos de arquitetura para bairros de casas baratas em Paris. O segundo, influente político, foi o primeiro presidente da *Société Française d'Habitation à Bon Marché* (SFHBM) e fundador, com Cheysson, do Museu Social¹⁴; dedicou-se sobretudo às questões da higiene das populações urbanas e rurais sendo posteriormente reconhecido como o pai da lei que, a partir de 1894, regulamentou e promoveu em França as HBM¹⁵. O último, o juiz e historiador Georges Picot, foi secretário da Academia das Ciências Sociais e Políticas e, com Jules Siegfried, fundador da SFHBM; havia escrito em 1885, *Un devoir Social et les logements d'ouvriers*.

É transversal a estas três personagens um conhecimento profundo da atividade da SOMCO, especialmente Jules Siegfried, nascido em Mulhouse e por lá exercido influente atividade industrial.

14 *Musée Social* – instituição parisiense fundada em 1894 para preservar os documentos expostos no Pavilhão de Economia Social da Exposição Universal de 1867 da responsabilidade de Frédéric Le Play. No decorrer dos anos o Museu Social transformou-se num importante centro de pesquisa sobre as questões sociais ligadas ao mundo do trabalho agrícola e industrial e, por essa via, foi responsável em França pela discussão e introdução das primeiras leis ligadas à regulamentação urbanística e habitacional, nomeadamente, aquela inspirada no movimento das cidade-jardim na passagem do século.

15 Trata-se do programa das *Habitations à Bon Marché* cuja ação até 1949 lucrará importantes níveis de realização.

Estas circunstâncias devem ter pesado na atribuição do *Gran Prix* da décima primeira secção da exposição internacional à memória de Jean Dollfus e aos bairros que sob a sua responsabilidade haviam sido construídos de forma exemplar em Mulhouse. As mesmas razões devem ter influenciado a proposta de medalha de ouro para Émile Muller, desaparecido nesse ano, a quem apelidavam de “eminente arquiteto de casas baratas e higiénicas”. Todas estas contingências não deixam de ser reveladoras de alguma exclusividade que as soluções implementadas em Mulhouse tinham adquirido na discussão da casa económica nesses anos. Aliás, conforme é referido por Georges Picot, as várias formas de resolução do problema da habitação operária deviam ser colocadas a partir de dois paradigmas conotados, respectivamente, com a experiência londrina e a de Mulhouse:

Des efforts tentés depuis un demi-siècle ressort la division même de notre rapport. Les familles peuvent être logées dans des petites maisons isolées avec jardin ou dans de vastes bâtiments, sortes de ruches dont chaque alvéole contient un foyer.

Les deux types sont en usage: ils ne s'excluent pas, mais s'appliquent en des localités différents et à des besoins divers. Leur histoire est tout spéciale.

[...] Nous l'avons vu au début, la maison ne contenant qu'une famille, ayant auprès d'elle un champ cultivé, verger ou jardin, est la forme naturelle de l'habitation [...] L'indépendance de la famille y est plus assurée; les enfants y grandissent en meilleur air, le jardin

*leur permet de s'ébattre. Le père, rentrant de son travail, s'intéresse à la culture; il y consacre ses loisirs.*¹⁶

Uma vez mais, apesar da divergência sobre os modelos a adotar, continua a dominar uma preferência pela pequena casa com jardim, considerada a forma natural da habitação humana. Por oposição, a *grande casa* de apartamentos era um modelo artificialoso que importava aperfeiçoar utilizando-o apenas nos locais onde, em último caso, os fatores económicos o reclamasse. Isso é explicitado na resolução dezoito do *Congrès International des Habitations à Bon Marché*,¹⁷ realizado no contexto da exposição, onde se clarifica que, quando financeiramente possível e no interesse do operário e da sua família, as habitações separadas seriam sempre preferidas. Obviamente, a eleição era eminentemente ideológica e económica colocando o operário numa teia de interesses fundados não só na estabilidade secular das instituições mas também na boa fluência do capital. A casa transforma-se num instrumento político capaz de estabelecer, através da noção protetora de *lar* e do valor patrimonial de *terra*, um compromisso entre o individual, o familiar, o comunitário e o patriótico.

Com o propósito de melhor representar o universo operário, o *Grupo de Economia Social* apresentou à exposição quinze secções temáticas. A décima primeira e a décima terceira eram dedicadas,

16 Georges Picot, «Section XI, Habitations Ouvrières», in *Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris – Rapports du Jury International* (Paris: Imprimerie Nationale, 1891): 188, 189.

17 Antony Roulliet, *Congrès International des Habitations à Bon Marché. Compte Rendu Sommaire* (Paris: Imprimerie Nationale, 1889): 51.

respectivamente, à “habitação operária” e à “higiene social”, ambas inseridas no grupo IV: “*Efforts sociaux pour améliorer le sort des ouvriers par l'action morale et préventive de la constitution d'un foyer domestique et par la pratique de l'hygiène*”. Resultou daqui dois eventos marcantes na definição e na promoção daquilo que eram as melhores práticas na construção da habitação operária no final do século XIX: uma exposição temática apresentada na Esplanada dos Inválidos¹⁸ e o primeiro *Congrès des Habitations Ouvrières*, já citado, também denominado *Congrès International des Habitations à Bon Marché* para nessa nova terminologia mais genérica se incluir, para além da classe operária, outros grupos sociais carenciados.

A montagem da exposição do *Grupo de Economia Social*, numa estratégia de ganhar protagonismo relativamente a outras distrações da feira, obedeceu a uma disposição que representava uma pequena vila operária com uma das suas ruas formada por modelos reais de casas operárias. Do ponto de vista do seu exotismo e da sua espetacularidade, nada de comparável a um outro evento, a decorrer paredes meias, igualmente dedicado ao programa da habitação. Referimo-nos à exposição de cariz etnográfico e etimológico organizada por

18 No relato fornecido pela *Revue Technique de l'Exposition Universelle* concluía-se que a questão da habitação operária destacava-se do conjunto das questões sociais tratadas na feira sublinhando da exposição do grupo de Economia Social, quer o esforço na construção de réplicas dos melhores exemplares que alguns industriais haviam proporcionado aos seus trabalhadores, quer a proeza em reunir um conjunto de documentos dedicados ao tema expostos em diversas zonas do recinto para melhor informar o grande público.

Charles Garnier (1825–1898) – *L'Histoire de l'Habitation Humaine*. Apesar de centrados no mesmo tema, os dois acontecimentos visavam objetivos distintos e, sobretudo, punham em confronto dois paradigmas do *modus operandi* do arquiteto. A nova arquitetura praticada nas *cités ouvrières* contém uma lógica utilitarista e racionalista da mesma natureza daquela que otimiza os processos industriais. Advém de um pragmatismo científico difundido na *École Nationale des Ponts et Chaussées* pouco interessado na continuidade da cultura arquitectónica classicizante. Por sua vez, os quarenta e quatro tipos de casas que o arquiteto da Ópera de Paris seleciona para expressar a diversidade e autenticidade local da arquitetura – desde a longínqua Melanésia até aos povos escandinavos – sublinham a importância que a fonte vernacular assume no final do século. O desenho da casa é observado na sua relação com o clima e a geologia, com a paisagem e com os costumes indígenas – a tónica é colocada fora da rigidez da norma clássica *Beaux-Arts*, legitimando o trajeto do romantismo eclético onde a inventiva da forma sublinhará, entre outros, o pitoresco da composição assimétrica e o caldeamento dos estilos.

Do ponto de vista disciplinar da Arquitetura, as duas exposições congêneres dão-nos uma espécie de “big picture” sobre a heterogeneidade de interesses que influenciavam a forma da casa simples, em geral, e da casa operária, em particular, nas últimas décadas do século XIX.

Estes acontecimentos ligados à grande *Exposição Universal de Paris de 1889* estiveram patentes ao público até à sua sessão de encerramento a 31 de Outubro. Sob a sombra da estrutura imponente de Eiffel, símbolo da modernidade enaltecida por Baudelaire, sabe-se a presença de alguns portugueses particularmente interessados nas

questões da cidade e da sua arquitetura¹⁹. É provável que José Marques da Silva (1869–1947), recém-chegado do Porto para iniciar os seus estudos na *École Nationale et Spéciale des Beaux-Art de Paris*, movido pela curiosidade de um jovem estudante de arquitetura, tenha ainda utilizado os últimos dias do evento.

Para o desfecho deste breve quadro traçado à volta do *carré mulhousien* importa admitir que, entre as novidades técnicas e artísticas da feira, Marques da Silva tivesse naturalmente focado a sua atenção na mostra de Garnier (muito publicitada nos círculos intelectuais da academia) e, porventura, visitado a anónima exposição do Grupo de Economia Social²⁰ anexa. Por certo, até 1896, ano em que obteve o diploma e regressa a Portugal, Marques da Silva ouviu os ecos do debate particular sobre as HBM, cruzou-se com alguns dos autores que se dedicaram ao tema e folheou as publicações que divulgavam os melhores exemplos.

19 Particularmente interessante para o tema é a participação do engenheiro português João Mendes Guerreiro (1842–?) no Congresso das Habitações Económicas (HLM); episódio desenvolvido na investigação de onde se extrai parte deste artigo. Em 1883, Mendes Guerreiro integra uma comissão encarregue de elaborar um projeto para o porto de Lisboa. Em 1887 assina uma solução para as docas de Alcântara e Santos, a qual é complementada com um desenho urbanístico de um novo bairro ribeirinho.

20 A exposição, espalhada não só pelas galerias da Exposição de Economia Social, mas também, em diversas partes do Campo de Marte e no Trocadéro, contava com maquetes, projetos, brochuras e livros, colocados de forma a atrair o grande público.

Porto, 1899. Anacronismos de um modelo.

Em Novembro de 1899, foi lançada a primeira pedra do bairro operário no Monte Pedral promovido pelo jornal local *O Comércio do Porto* e projetado pelo arquiteto Marques da Silva. A coincidência no tempo com o mais mediatizado surto de peste ocorrido na cidade nortenha dará a essa obra filantrópica uma notoriedade ímpar na discussão nacional sobre a higiene urbana e a habitação operária. Logo no arranque do programa, que incluirá a construção de três bairros estrategicamente distribuídos pelo que era em 1900 o perímetro urbano da cidade consolidada, os proprietários do jornal defendem que os conjuntos a edificar adaptariam os modelos testados no estrangeiro segundo os máximos princípios higiénicos. Mais tarde, esse objetivo é reforçado no elogio à obra proferido pelo Ministro das Obras Públicas e da Justiça, João de Alarcão:

Em todos esses tipos [de casas] houve a preocupação de criar habitações acomodadas ao nosso clima e ao nosso meio social, sem se perderem de vista os requisitos a que, segundo as opiniões expressas por higienistas, por sociólogos e por arquitetos, em livros e congressos, devem satisfazer as casas baratas, para realizarem completamente o fim útil e humanitário a que se propõe.²¹

21 Trata-se do discurso que acompanhou uma proposta de lei para a promoção de bairros operários. «Proposta de Lei nº10BB», Diário da Câmara dos Senhores Deputados, Sessão nº19 de 22 de Agosto de 1905, pág.15. A notícia foi publicada no *O Comércio do Porto* a 29 de Novembro de 1905.

Estas referências internacionais evocam uma rede de afinidades estabelecida à volta do movimento das *cités ouvrières* que permite por em relação realidades geográficas, sociais e políticas distintas. Uma ramificação particular que emerge desses trânsitos e influências é a “petit histoire” protagonizada pelo já referido *carré moulhousien*. De várias modos, a invenção de Émile Muller disseminou-se ao longo de meio século pelas mais diversas regiões industriais europeias. O triunfo dos bairros de Mulhouse resultou da urgência do tema na agenda política da época e, simultaneamente, da impetuosidade e sagacidade dos discursos e dos escritos dos personagens envolvidos que a imprensa de grande tiragem difundirá através dos seus diversos géneros²². Portanto, ou a experiência pessoal e académica de Marques da Silva, já apontada, ou uma atenção especial dada ao caso pela administração do jornal nortenho fruto da sua mediatização internacional, terá sido diretamente responsável pela escolha desse modelo para formar o Bairro Operário do Monte Pedral.

A fase inicial da construção que “o distinto arquiteto Sr. Marques da Silva tomou generosamente a seu cargo” compunha-se de catorze casas formando dois núcleos ao longo da Rua Serpa Pinto. Apesar da proposta ser visivelmente de matriz *mulhousiana*, a resolução do pequeno quarteirão que o núcleo forma a sul, desmonta

22 Por exemplo, um dos veículos de maior divulgação foi o livro de Émile Muller e Émile Cacheux, *Les Habitations Ouvrières en Tous Pays*. Paris: Baudry & Cie, Libraires – Éditeurs. Vários números das diversas edições estão localizadas nos arquivos nacionais. A de 1889, medalha de ouro na Exposição Universal de Paris, encontra-se atualmente no Fundo Antigo da Universidade do Porto.

o sistema quadripartido ajustando-o à dimensão irregular do lote. Esse trabalho de otimização geométrica e rentabilização de áreas determinou uma solução formada por seis *casas em banda, costas com costas*, distinta da solução usada no núcleo destacado a norte, claramente tomada de Mulhouse apesar dos fogos terem uma planta quadrangular com sete metros de largura. As variantes introduzidas denotam não só um saber na “arte de bem compartimentar”, patente na disposição e articulação dos espaços mas, também um domínio no desenho da forma, suficientemente ágil para, por exemplo, dar coerência e unidade formal ao conjunto através do uso da matriz modular original como mecanismo de controle entre as partes²³. Porventura, esta atenção à qualidade arquitectónica do bairro acabou por gerar uma terceira gama de habitações com áreas superiores a cem metros quadrados – facto interdito no contexto do alojamento operário, cujo limite máximo para este padrão de casas se situava nos oitenta metros quadrados.

Émile Muller referia-se à sua *habitação quadrupla* como sendo a solução mais vocacionado para alojar os contramestres e quebrar a monotonia das casas operárias vulgares. Representava, afirmava ele, uma gama alta de alojamento que, apesar de obrigar a mais ruas, a lotes maiores e exigir um maior controle sobre os inquilinos,

23 A este propósito, veja-se a ilusão criada no alçado voltado para a Rua Serpa Pinto dos dois volumes dos extremos. Apesar das diferenças nítidas em planta com a solução usada na *casa quadripartida* isolada (matriz que identifica a restante solução a norte), alguns dos seus sinais formais repetem-se pontuando todo o projeto.

corrigia as diferentes ambições e necessidades da hierarquia operária e, simultaneamente, possibilitava uma diversidade tipo-morfológica essencial à qualidade espacial e paisagística do bairro. O pequeno desenho, que representa a totalidade da proposta de Marques da Silva até à atual Rua de Zambeze, assemelha-se a um pequeno estrato do plano de Mulhouse tentando transpor para a pedreira da Constituição esse microcosmos. O traçado esboçado que define a malha ortogonal estabelece zonas de *casas em banda* e *casas quadripartidas* ordenadas num crescendo até culminar com o sector mais importante voltado para a Rua Serpa Pinto. A par com o quartel militar, essa parte do bairro construída em 1900 dotou o troço daquela rua com uma escala urbana adequada à sua importância na estrutura viária do Porto da época. Nesta perspectiva, Marques da Silva serve-se do “type mulhosien”, não só para acentuar os critérios de higiene ligados à circulação do ar e à exposição solar, mas também como artifício arquitectónico capaz de tecer possíveis continuidades morfológicas com novos bairros burgueses e adaptado a uma visão mais genérica da cidade oitocentista enquanto *obra de arte*.

Se a leitura das áreas dos compartimentos e dos fogos do bairro pode criar um equívoco relativo à validade da proposta no interior da luta contra a carência de habitação, o recurso ao jardim periférico e o uso de pequenos apontamentos inspirados em arquiteturas vernaculares alimenta uma confusão de outra natureza. Na primeira década do século²⁴, ao reproduzir o modelo da casa

24 Note-se que a segunda fase do projeto é de 1904 acrescentando-se nessa data doze casas.

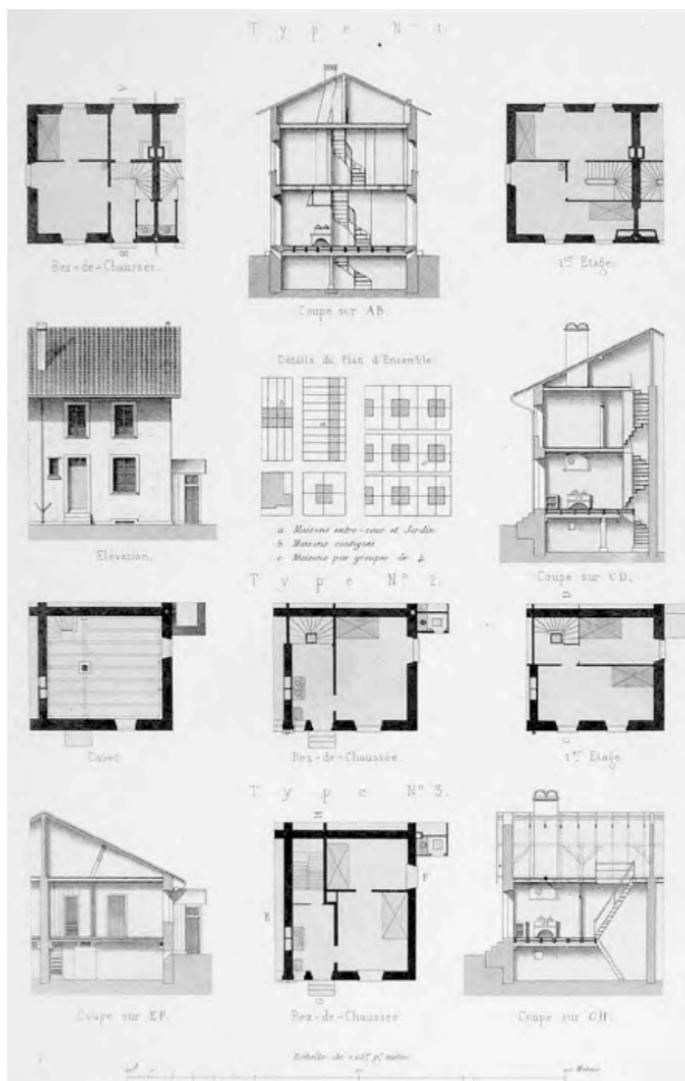
unifamiliar isolada com jardim como ideal do alojamento operário, Monte Pedral representava já um dos últimos resquícios europeus da narrativa começada em Mulhouse. O princípio da *casa-jardim* estava já a desvanecer-se cedendo o lugar a soluções de habitação massificadas. Os bairros ajardinados com casas pitorescas que se construíram nesses anos decorrem já de uma dinâmica distinta – o movimento internacional das *garden-cities* – e interpretam os sinais *urbano-fóbicos* de uma classe média em ascensão. O termos *cidade-jardim* e *casa-jardim* que, insistente e discricionariamente, a República e o Estado Novo usarão, em nada se assemelham às formulas testadas sobretudo em Inglaterra e na Alemanha, pondo em relação o *higienismo*, o urbanismo e o eugenismo.

Nota final

*Le type de Mulhouse est devenu classique: il convenait de s'arrêter quelque temps sur un effort d'une telle importance. Il nous suffira de mentionner par la suite les imitations qui ont été faites et les modifications qu'a reçues ce système.*²⁵

O intervalo de tempo, entre o arranque da solução de Émile Muller e a interpretação de Marques da Silva, representa um processo de deformação com vários sentidos. Uma das dificuldades de interpretação dos processos de conceptualização do novo alojamento operário

25 Georges Picot, «Section XI, Habitations Ouvrières», in *Exposition Universelle Internationale de 1889 à Paris – Rapports du Jury International* (Paris: Imprimerie Nationale, 1891): 199.



Implantação e três tipos do “carré Mulhosien” divulgados em 1867. In *Revue Gènerale de l'Architecture et des Travaux Publics*, Vol. XXV, Paris, 1867.

prende-se com o seu carácter doutrinário. Olhado estritamente na perspectiva da “questão social”, um simples desajuste dimensional transforma-se num erro, que se desvanece à luz dos princípios da cultura arquitectónica *Beaux-Arts* e do seu entendimento sobre a boa forma da cidade. O problema disciplinar que a habitação simples colocava aos arquitetos que, como Marques da Silva, se regiam pelo *canon* da academia, decorria da imposição de rígidas limitações programáticas e orçamentais ao exercício do estilo. Ao invés da formação dada na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, essa questão estaria resolvida na formação politécnica como, por exemplo, a oferecida pela *École Spéciale d'Architecture*, onde Muller havia sido professor. Se no primeiro caso predominava uma visão eminentemente artística da prática, centrada nas técnicas de ornato e na norma compositiva dos edifícios institucionais, na segunda prevalecia um pragmatismo interdisciplinar vocacionado, sobretudo, para a resolução dos programas utilitários da segunda industrialização. Conjugava-se com essas orientações a questão do estatuto social do arquiteto: o *beaux-arts*, secularmente ligado ao poder e à alta burguesia; e o *entrepreneur/arquiteto/engenheiro*, formativamente ligado ao *saint-simonisme* e ativamente empenhado no progresso social.

Porém, no período em que Marques da Silva frequenta a escola parisiense, Julien Guadet (1834–1908), professor de *teoria de arquitetura*, transmite a ideia de um classicismo operante, relativo e processual²⁶. Conforme é ressaltado por Jean-Pierre Epron:

26 Giovanni Fanelli e Roberto Gargiani, *Auguste Perret* (Bruxelles: Editori Laterza, 2002): 3.

*Cette théorie est mêlée au projet d'école. Elle permet aux élèves de composer par les règles et préceptes qu'elle donne; mais elle appelle à la 'transgression' puisqu'il faut par ces projets d'élèves tester l'efficacité des nouvelles positions pour adapter la pratique à la conjoncture.*²⁷

Essa vantagem metodológica estará presente na obra portuguesa de Marques da Silva e é a razão pela qual, em jeito síntese e reflexão futura, chama-se a atenção para dois termos estruturadores até agora usados arbitrariamente. Referimo-nos ao par *modelo/tipo* e ao seu valor semântico e sentido disciplinar na concepção, produção e interpretação arquitectónica.

Parafraseando a famosa definição de Quatremère de Quincy²⁸ (1755–1849), dir-se-ia que Marques da Silva toma o *carré mullhousien* como um tipo, ou seja, uma estrutura conceptual susceptível de ser manuseada. A metamorfose operada, que permite criar um novo objecto, reforça o sentido negativo da cópia no pensamento idealista da arte e refuta operações básicas de reprodução aceitáveis nos meios ligados às escolas técnicas. É assim possível associar

²⁷ Jean-Pierre Epron, *L'architecture et la règle* (Paris: Perre Mardaga éditeur, 1981):174.

²⁸ Referimo-nos à frase retirada do seu *Dictionnaire Historique d'Architecture*: "A palavra Tipo não representa tanto a imagem de uma coisa que se tem de copiar ou imitar perfeitamente, mas antes a ideia de um elemento que deve ele mesmo servir de regra ao modelo. [...] O Modelo, entendido segundo o exercício prático da arte é um objeto que se deve repetir tal qual é. Pelo contrário, o Tipo é um objeto segundo o qual se pode conceber obras que não se assemelham nada entre si. Tudo é preciso e está fixo no Modelo, tudo é mais ou menos vago no Tipo". Tradução do autor a partir de, QUATREMÈRE DE QUINCY, A.C. *Dictionnaire historique d'architecture* (Paris: Librairie d'Adrien Le Clère et C.ie, 1832, tome II): 629.

a questão do *modelo* ao ensino politécnico e a do tipo ao ensino académico de Belas-Artes.

A racionalidade de processos e formas auferida pela lógica da máquina, da optimização industrial e do conhecimento científico, será fundamentalmente responsável pela estandardização e réplica dos *modelos* escolhidos. Esta visão positivista toma a imitação a que o *modelo* se presta como ação fundamental na eleição de protótipos²⁹ de casas baratas e na sua reprodução técnica. A *arquitectura menor* dessas habitações permitiu a democratização da casa saudável para o maior número. Entre nós, usaram-na sobretudo os mestres de obras e os condutores de obras públicas como, aliás, se pôde verificar nos bairros erigidos posteriormente pelo jornal O Comércio do Porto na zona das Condominhas e do Monte Aventino da cidade nortenha.

29 Antonino Terranova e Francesco Cellini, «Nota-Ficha sobre 'tipo' e 'modelo'», in Ludovico Quaroni, *Projectar un edificio. – Ocho lecciones de arquitectura* (Madrid: Xarait Ediciones, 1987): 87.

